



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

GRAZIELLA STEIGLEDER GOMES

As formações discursivas e imaginárias em A Revolução dos Bichos

Porto Alegre
2005



GRAZIELLA STEIGLEDER GOMES

As formações discursivas e imaginárias em *A Revolução dos Bichos*

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Zandwais

Porto Alegre
Dezembro de 2005

“As revoluções nunca aliviaram a carga da tirania: apenas a transferiram para um outro ombro.”

(George Bernard Shaw)

RESUMO

A obra de George Orwell *A Revolução dos Bichos*, publicada pela primeira vez em 1945, consiste numa paródia da Revolução Russa e de seus desdobramentos, cobrindo o período de 1917 até a queda do Stalinismo. Nela, os animais expulsam o tirano dono da Granja do Solar e instauram, sob o comando dos porcos, o Animalismo, sistema no qual todos animais são tidos como iguais. Trata-se, portanto, de uma fábula na qual, através da voz dos animais de uma fazenda na Inglaterra, a história do comunismo soviético é contada. Alguns personagens são baseados diretamente em líderes do Partido Comunista, como Napoleão e Bola-de-Neve, que representam Joseph Stalin e Leon Trotsky, respectivamente. Da mesma forma, há animais que podem ser identificados com segmentos da sociedade; esse é o caso do cavalo Sansão, protótipo da grande massa acrítica e manipulável. *A Revolução* pode ser, portanto, vista como um ataque e crítica ao fracasso da Revolução Russa. Essa novela será a fonte da qual extrairemos recortes para ilustrar como, através das formações discursivas e formações imaginárias (antecipação, relações de força e relações de sentido), sob a perspectiva da Análise do Discurso Francesa, os porcos hegemônicos, líderes do levante, usam maliciosamente a língua com o objetivo de convencer, dissuadir, enganar, confundir, oprimir, deturpar a realidade e induzir os animais a agirem de forma que eles (os porcos) obtenham vantagens sobre seus ditos “companheiros”. Como resultado, esperamos iluminar facetas a respeito das maneiras como uma classe trabalhadora ingênua e o uso da língua, enquanto instrumento de abuso de poder, podem ser vistos como um perigo para uma sociedade igualitária, livre de opressores e exploradores.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso Francesa. *A Revolução dos Bichos*. Formações discursivas. Formações imaginárias.

ABSTRACT

THE DISCURSIVE AND IMAGINARY FORMATIONS IN *ANIMAL FARM*

George Orwell's *Animal Farm*, first published in 1945, is a parody of the Russian Revolution and its unfoldings, covering the period from 1917 until the fall of Stalinism. In this novel, the animals expel the tyrant owner of Manor Farm and establish, under the command of the pigs, a system called Animalism, in which all animals are treated as equals. Therefore, this is a fable in which, through the voices of animals in a farm in England, the soviet communism is told. Some characters are directly based on leaders of the Communist Party, such as Napoleon and Snowball, who can be identified as Joseph Stalin and Leon Trotsky, respectively. There are also animals that can be identified with segments of society; this is the case of Boxer, a prototype of the manipulable and uncritical mass. Consequently, *Animal Farm* can be seen both as an attack and criticism of failure of the Russian Revolution. This piece of work is the source from which we will extract examples in order to illustrate, via discursive formations and imaginary formations (antecipation, force relations and meaning relations), under the perspective of the French Analysis Discourse, how the hegemonic pigs, mentors of the uprising, mischievously use language to convince, dissuade, lie, confuse, oppress and misrepresent the reality and induce the animals to act as they (the pigs) wish, this way benefitting from their so-called "comrades". As a result, we expect to bring to light the ways in which a naive working class and the use of language, as an instrument of abusive power, can be seen as a danger to an egalitarian society, free from oppressors and exploiters.

KEY-WORDS: French Discourse Analysis. *Animal Farm*. Discursive formations. Imaginary formations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. NOÇÕES TEÓRICAS GERAIS SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO.....	9
1.1 Breve Histórico da Temática: Situando o Leitor	9
1.2 Condições de Produção dos Saberes que Fundam a Ficção	12
1.3. Ideologia e Sujeito / Interpelação do Sujeito	14
1.4. Formações Imaginárias versus Formações Discursivas	16
1.5. Formações Discursivas Antagônicas	18
2. ANÁLISE DE RECORTES DA <i>REVOLUÇÃO</i>	20
2.1. Recortes que Ilustram as Situações de Antagonismo	20
2.2 Formações Imaginárias em <i>A Revolução dos Bichos</i> – Recortes.....	22
2.2.1 antecipação.....	23
2.2.2 relações de força.....	26
2.2.3 relações de sentido: formas de silenciar o outro	28
2.3 Contradições Presentes no Interior de uma Formação Discursiva.....	31
2.3.1. contradições em uma mesma formação discursiva – recortes: a reprodução dos saberes da formação discursiva antagônica.....	32
2.3.2. sujeito da formação discursiva animal se identifica com os saberes da formação discursiva humana	35
2.3.3 posições de sujeito contraditórias – recortes.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
Parte I: A Representação de Protótipos Sociais Através de Personagens da Novela	39
Parte II: Finalizando	41
REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

A presente monografia de final de curso de Letras (Licenciatura em Português e Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS) nasceu do desejo que tivemos de investigar mais profundamente as formações imaginárias e as formações discursivas presentes na novela de George Orwell chamada *A Revolução dos Bichos*, publicada pela primeira vez em 1945.

A Revolução dos Bichos é uma obra de ficção que, através da voz dos animais de uma fazenda na Inglaterra, conta a história do comunismo soviético. Alguns animais são baseados de forma direta em líderes do Partido Comunista; tal é o caso de Napoleão e Bola-de-Neve, que são representações de Joseph Stalin e Leon Trotsky, respectivamente.

A obra de Orwell pode ser vista como uma fábula e uma paródia, concomitantemente. Ela possui as características básicas de uma fábula ao mesmo tempo em que é uma paródia política diretamente dirigida aos eventos ocorridos na União Soviética desde 1917 até a queda do Stalinismo. *A Revolução* pode ser, portanto, interpretada como um ataque e crítica ao fracasso da Revolução Russa.

A partir de leituras do âmbito da literatura e da história, procuramos aproximar os personagens da obra com pessoas reais que desenvolveram um papel relevante na revolução – conforme os já citados casos de Napoleão e Bola-de-Neve – ou com segmentos da sociedade (como acontece com Sansão e Quitéria, casos que serão explicitados mais a frente). Para seguir em nosso estudo do texto em questão, precisamos eleger um viés teórico que não fosse puramente de ordem lingüística ou filosófica, já que nem um nem outro podiam dar conta do objeto que estávamos dispostos a analisar. Por essa razão escolhemos a Análise do Discurso da linha francesa, já que os pressupostos desta teoria nos permitiram trabalhar com a historicidade inscrita na linguagem que serviu de corpus para nosso trabalho.

Com o auxílio de recortes por nós selecionados, representativos das formações discursivas e imaginárias, pudemos demonstrar de que forma os porcos da *Revolução* usam a linguagem para enganar, dissimular ou encobrir determinadas verdades. Procuramos igualmente compreender de que forma a metáfora sobre o comportamento social dos porcos representa as relações de confronto e de tomada de poder no interior de uma sociedade que inicialmente se propõe a tratar todos seus membros de forma igualitária, mas cujos objetivos são frustrados em decorrência da corrupção e ganância dos indivíduos que a lideram.

O trabalho se divide em 2 capítulos: no primeiro, o leitor encontrará questões elementares referentes à Análise do Discurso que embasam nosso estudo. No segundo capítulo, os recortes por nós feitos serão analisados através do viés analítico-discursivo das formações discursivas e imaginárias e, na primeira parte das considerações finais, há uma análise dos protótipos sociais identificados na obra. Por fim, o leitor poderá encontrar na última parte das considerações finais um apanhado geral do que foi discutido ao longo da monografia.

1. NOÇÕES TEÓRICAS GERAIS SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO

1.1 Breve Histórico da Temática: Situando o Leitor

De autoria de George Orwell, “A Revolução dos Bichos” é uma ficção dividida em 10 capítulos. Trata-se de uma alegoria política, uma paródia da Revolução Russa de 1917 e de seus personagens, sobretudo, no que tange às relações conflitivas entre os líderes e o povo.

A paródia, enquanto gênero literário, teve sua gênese entre os séculos V e VI a.C. Ela vem do grego *para-ode*, que segundo Brewer, citado por Affonso Romano de Sant’Anna em *Paródia, Paráfrase e Cia* (1985, p. 12.) significa “uma ode que perverte o sentido de outra ode”. Sant’Anna desenvolve com mais propriedade o conceito de paródia quando cita Shipley, dizendo que “o termo grego paródia implicava a idéia de uma canção que era cantada ao lado de outra, como uma espécie de contracanto. A origem, portanto, é musical” (ibid., p. 12). Entretanto, na literatura o termo ganhou contornos mais específicos, que seguidamente não se relacionam com a musicalidade, ao menos não de forma direta.

A paródia tem por objetivo imitar uma obra, estilo literário ou mesmo um acontecimento, alterando-lhes a intenção original e os ressignificando. Ela pode variar de “abertamente caricata” à “ironicamente insinuativa”, mantendo sempre uma atitude crítica no que se refere ao objeto parodiado. De caráter seguidamente cômico, a paródia pode também se transformar em arma ideológica, quando idéias e interesses opostos se encontram em jogo. Este corresponde ao estabelecimento de sua expressão mais extrema e é o caso da paródia em questão, *A Revolução dos Bichos*.

Ao passo em que a paródia está ao lado do novo e do diferente, pode-se dizer que a paráfrase se assenta sobre o idêntico e o semelhante. A paráfrase trabalha com a continuidade, o reforço, o já estabelecido. De acordo com Orlandi, “Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há algo sempre que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado” (2002, p. 36).

Conforme já dissemos anteriormente, *A Revolução* é, ao mesmo tempo, uma fábula e uma paródia, apesar de sua narrativa ser relativamente longa se comparada com as fábulas em geral. Isto ocorre porque encontramos na obra traços típicos dessa forma literária, tais como animais falantes e uma moral de cunho didático.

Passaremos agora a narrar os principais acontecimentos da história em questão.

Na Granja do Solar, o mais velho dos porcos, chamado Major, convoca uma reunião com todos os animais a fim de contar a eles sobre um sonho que teve. Nesse sonho, todos animais viviam juntos e se sustentavam unicamente do que produziam, livres da opressão dos humanos. Todos os bichos, exceto Moisés, o corvo doméstico, comparecem ao encontro: Napoleão, Bola-de-Neve e Garganta, os porcos; Sansão e Quitéria, os cavalos de tração; Mimosa, a égua branca; Benjamim, o burro; Maricota, a cabra; e mais todos outros animais da Granja: os porcos restantes, as ovelhas, as vacas, os pombos, os cães, a gata e os ratos.

Três dias depois dessa reunião, Major morre. Napoleão, Bola-de-Neve e Garganta criam as diretrizes básicas da filosofia que batizam de Animalismo, e as chamam de “Os Sete Mandamentos”:

- Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo.
- O que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo.
- Nenhum animal usará roupa.
- Nenhum animal dormirá em cama.
- Nenhum animal beberá álcool.
- Nenhum animal matará outro animal.
- Todos animais são iguais. (ORWELL, [1945] 2003, p. 24)

Como os animais têm uma certa dificuldade em compreender todos os Mandamentos, Bola-de-Neve os condensa em uma máxima essencial: “Quatro pernas bom, duas pernas ruim”.

Uma noite, os bichos se revoltam contra o Sr. Jones, dono da Granja. Cansados de serem submetidos a maus tratos, de serem explorados na sua força de trabalho e mal alimentados, eles expulsam Jones, sua esposa e seus homens, a fim de construir uma sociedade igualitária. Moisés não se solidariza com seus companheiros animais e decide fugir, junto a seu dono. Os animais, então, renomeiam a pequena fazenda, que agora passa a se chamar Granja dos Bichos. Sansão torna-se um importante colaborador, adotando como lema pessoal a frase “Trabalharei mais ainda”.

No princípio as coisas vão bem. Bola-de-Neve ensina os animais a ler e Napoleão toma uma leva de filhotes de cão para educar. O Sr. Jones tenta, sem sucesso, reaver sua Granja. É novamente expulso pelos bichos, que chamam o acontecimento de “Batalha do Estábulo”.

Essa batalha representa a revolta dos humanos contra a hegemonia dos animais, que passam a viver bem sem o auxílio (ou exploração, como diriam) dos homens. Mimosa abandona a Granja e vai servir em outra fazenda a um novo dono, que satisfaz todas suas vontades. Importante salientar

que ela, apesar de ser um animal, não compartilha do ideário de seus companheiros, formando assim uma dissidência dentro de um grupo aparentemente homogêneo.

Os porcos hegemônicos passam a brigar por influência e poder, o que significa que, mesmo entre os que possuem influência preponderante entre os animais, há conflito social. Bola-de-Neve planeja construir um moinho de vento, idéia contra a qual Napoleão fortemente se opõe. Com o auxílio dos nove cães que havia adotado enquanto ainda eram filhotes, Napoleão expulsa seu adversário da Granja durante uma reunião na qual os animais votariam sobre a execução do projeto. Ele informa aos demais animais que, daquele momento em diante, não haverá mais reuniões, e que todas decisões importantes serão tomadas pelos porcos e então repassadas aos outros bichos.

Napoleão muda de idéia sobre o moinho de vento cuja construção havia rejeitado e ordena aos animais que o construam. Por essa época, os porcos se mudam para a casa do Sr. Jones, que originalmente seria mantida como um museu. Comenta-se que os porcos estão dormindo sobre as camas, e Quitéria pede a Maricota que a ajude a ler o mandamento que falava sobre isso. Maricota lê: “Nenhum animal dormirá em cama *com lençol*” (itálicos do autor). Quitéria não compreende como pôde ter se esquecido dessas duas últimas palavras, mas acredita que a falta deve ser de sua memória mesmo.

Uma noite, após uma chuva forte, os animais descobrem que o moinho foi ao chão. Os humanos dizem que isso ocorreu porque as paredes da construção eram muito finas e não agüentaram a água, mas Napoleão afirma que a culpa foi de Bola-de-Neve. O porco expulso da Granja se torna uma entidade invisível mas poderosa – diz-se que tudo que não dá certo lá é por culpa dele. Os animais passam a construir o moinho de vento novamente, dessa vez, com as paredes duas vezes mais espessas que antes. Lentamente, Napoleão passa a se guiar por valores que ele antes abominava: o moinho é um símbolo do lucro que o porco agora deseja sobremaneira. Por esse motivo, passa a reconstruí-lo, a fim de perseguir os mesmos valores perseguidos pelos humanos mas que eram inicialmente combatidos.

Napoleão segue liderando os animais e ameaça, com seus cães, a qualquer um que ouse discordar de algo que ele impõe. Ele força alguns animais a confessar o envolvimento destes com Bola-de-Neve, e manda que seus cães executem sem piedade os “traidores”. Mais uma vez, um dos Mandamentos é alterado: onde se lia “Nenhum animal matará outro animal”, lê-se “Nenhum animal matará outro animal, *sem motivo*” (itálicos do autor).

Sansão adota mais um lema – “Napoleão tem sempre razão”, mesmo que Napoleão se comporte de forma cada vez mais semelhante aos humanos: ele veste roupas, dorme em camas e ingere álcool. Em Sansão, temos um espelho da atitude de subserviência que os bichos em geral têm para com Napoleão: eles fecham os olhos para o sistema corrupto que o ditador instala, se submetendo aos desígnios por ele instados, sem questioná-los.

Garganta, o propagandista do auto denominado “Líder”, dá conta de estatísticas explicando que a vida dos animais é melhor agora do que no tempo do Sr. Jones, apesar de estes serem mal alimentados e trabalharem excessivamente. O moinho de vento é explodido por Sr. Frederick, fazendeiro vizinho para quem Napoleão havia vendido lenha e por quem havia sido trapaceado. Nesse confronto, Sansão é ferido e acaba sendo vendido para um Matadouro de Cavalos. Os porcos usam o dinheiro de sua venda para comprar uísque, e alteram mais um mandamento, em proveito próprio: “Nenhum animal beberá álcool *em excesso*” (itálicos do autor). A essas alturas, a dicotomia “Quatro pernas bom, duas pernas ruim” também já fora adulterada, para “Quatro pernas bom, duas pernas melhor”. Todas as alterações nos Mandamentos são feitas para favorecer aos interesses dos porcos, não ao interesse coletivo.

Moisés, o corvo, volta à Granja e espalha notícias sobre a Montanha de Açúcar-Cande, um lugar para onde os animais vão depois de mortos, repleto de prazeres e de abundância.

Os anos passam e Napoleão se torna um tirano, tão cruel quanto o antigo dono da granja, Sr. Jones. Ele atribui a si e aos outros porcos uma série de vantagens, e os animais, perplexos, aceitam essa nova condição sem reclamar. Por fim, Napoleão perverte completamente os Sete Mandamentos e age de forma contrária aos princípios do Animalismo. Os Mandamentos são reduzidos a uma única máxima: “Todos animais são iguais, mas alguns são mais iguais que os outros”. Napoleão rebatiza a granja com seu nome original – Granja do Solar – deixando, dessa forma, os animais com medo, confusos e tão desprotegidos quanto na época de Jones. Dessa maneira, a exploração dos animais por parte dos líderes é reproduzida e perpetuada.

1.2 Condições de Produção dos Saberes que Fundam a Ficção

Um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas. Elas se relacionam com a exterioridade lingüística, que é constitutiva do próprio discurso. Segundo Orlandi (2002), as condições de produção reúnem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Pode-se considerá-las também em sentido estrito e tem-se então apenas as circunstâncias da

enunciação, ou seja, o contexto imediato. Se aprofundarmos essa noção, as condições de produção compreenderão o contexto sócio-histórico e ideológico. Não se trata, portanto, dentro dos princípios da Análise do Discurso (AD), de investigar o discurso a partir de sua enunciação imediata, mas fazê-lo tomando por base seu contexto sócio-histórico de produção.

Passaremos agora a uma breve consideração a respeito das condições de produção do texto *A Revolução dos Bichos*.

George Orwell (pseudônimo de Eric Blair) nasceu na Índia em 1903 e faleceu em Londres, em 1950. Socialista, tornou-se famoso na metade do século XX, com a publicação de suas duas maiores obras de cunho coletivista, contendo leituras críticas sobre as práticas sociais totalitárias: *A Revolução dos Bichos* e *1984*.

A Revolução dos Bichos foi escrita no fim da década de 30 e concluída em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial. Por vezes, Orwell pensou que teria que publicar sua obra autonomamente, já que ela fora rejeitada em diversas ocasiões. Tal ocorria porque havia um acordo tácito entre editoras para que não publicassem nenhuma crítica a Stalin ou ao comunismo soviético, uma vez que a União Soviética era aliada da Grã-Bretanha na luta contra Hitler e o fascismo na Europa. Orwell, ao contrário de muitos escritores britânicos de seu tempo, não era entusiasta da URSS e não considerava que nesse país se praticasse o socialismo de forma a explorar positivamente toda sua potencialidade.

Vários paralelos podem ser traçados entre a ficção de Orwell e a Revolução Bolchevique. Para melhor compreender esses paralelos, faz-se necessário traçar um breve histórico da situação da Rússia quando da queda do Tzar Nicolas II. Lênin – retratado na novela na figura de Major – supervisionou pessoalmente os ataques aos palácios reais de São Petersburgo e em 7 de Novembro de 1917 tornou-se comissário chefe daquela nação. Fortemente influenciado pelas idéias de Marx, o arquiteto da Revolução russa veio a falecer apenas 7 anos após a Revolução, em 1924. A partir desse momento, duas eminentes figuras do partido comunista – Trotsky e Stalin, representados na ficção de Orwell por Bola-de-Neve e Napoleão, respectivamente – começaram a lutar por poder, com a vitória final de Stalin. Assim como Bola-de-Neve é expulso por seu adversário da Granja dos Animais, também Trotsky é expulso da Rússia por Stalin (e finalmente morto a mando deste no México, em 1940). Napoleão torna-se um ditador, à semelhança de Stalin, contrariando as leis do Animalismo, da mesma forma que Stalin subverteu a lógica do Comunismo, arrogando para si e para seus apoiadores uma série de privilégios.

Vê-se porque Orwell optou por escrever sua crítica ao ditatorialismo stalinista em forma de fábula (o subtítulo de *A Revolução dos Bichos* é “A Fairy Story”, “Um conto de fadas”). A fábula é ainda hoje um gênero popular e foi muito cultivada na Antigüidade, nos séculos VI e V a.C. Fazendo uso dessa forma literária, nenhum indivíduo ou instituição poderiam intimidar Orwell: o autor teria sempre a possibilidade de alegar que sua história se constituía em um mero conto infantil, no qual animais falam e agem de formas similares aos humanos. As próprias alianças políticas estabelecidas entre a URSS e a Inglaterra jamais autorizariam a produção de um texto sociológico baseado em fatos reais. Ao tratar de um problema humano fazendo uso do mundo animal, Orwell pôde alcançar a distância necessária para vislumbrar o absurdo do comportamento tirano e opressor dos líderes políticos soviéticos, representados através da figura dos porcos. Trabalhando com o tema do comunismo totalitário em escala reduzida, conseguiu expor a “moral da história” (o poder corrompe) sobre a força da corrupção no poder através da fábula de uma revolução desencadeada no mundo animal, onde as leis são adulteradas de acordo com os interesses dos líderes políticos.

1.3. Ideologia e Sujeito / Interpelação do Sujeito

“Conjunto de convicções filosóficas, sociais, políticas, etc. de um indivíduo ou grupo de indivíduos.” Essa é uma das diversas acepções que a palavra “ideologia” traz no dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (p.1565). Com efeito, ideologia é comumente tida como um conjunto de representações, visão de mundo ou ocultação da realidade. Para a AD, entretanto, ideologia é o “efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido”, ou seja, é o “mecanismo estruturante do processo de significação” (ORLANDI, 2002, p. 48 e 96). Presente no interior do discurso ao mesmo tempo que se reflete na sua exterioridade, a ideologia não é exterior ao discurso, mas substrato constitutivo, capaz de explicar as condições de produção das práticas discursivas.

E conforme nos aponta Pêcheux:

[...] é a ideologia que, através do “hábito” e do “uso”, está designando, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser [...]. É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (1997, p. 160)

A ideologia intervém como condição necessária para que sujeito e sentido se constituam. Ela não é um conteúdo pré-determinado, mas o mecanismo pelo qual esse conteúdo é produzido. Materialmente ligada ao inconsciente, ela interpela o indivíduo em sujeito para que o dizer seja produzido.

O sujeito do discurso não pertence a si próprio, isto é, ele não é completamente livre; entretanto, não é totalmente determinado pela sua exterioridade. A sua interpelação se dá pelo esquecimento daquilo que o constitui: esse é, de acordo com Pêcheux, o chamado efeito Münchhausen (referente ao “*imortal barão que se levantava nos ares puxando-se pelos próprios cabelos*” (ibid., p. 157, itálicos do autor)). Essa reflexão permite-nos afirmar que a ideologia dissimula sua existência dentro do seu próprio funcionamento (esquecimento número 1).¹

Por ser portador de várias vozes, o sujeito é polifônico; é também dividido, já que “carrega consigo vários tipos de saberes, dos quais uns são conscientes, outros são não-conscientes, outros ainda, inconscientes” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 458). Resultante da vinculação que há entre história e linguagem, o sujeito se constitui na relação necessária com o outro (Glossário de Termos do Discurso), ao mesmo tempo em que é determinado pela ordem sócio-histórica na qual está inserido.

As considerações de Pêcheux em torno da questão permitem que aprofundemos tal reflexão: “[...] os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos do *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1997, p. 161, itálicos do autor). Portanto, a ideologia permite que o sujeito se identifique com a formação discursiva pela qual ele é dominado. Cabe notar que o sujeito é *dominado* por uma FD, o que significa que ele não é senhor de suas próprias palavras, mas tem a ilusão de sê-lo. O fato de acreditarmos possuir domínio sobre nosso discurso ocorre por obra de um efeito ideológico.

Por outro lado, não há sentido sem interpretação e isso atesta a presença da ideologia. Diante de um objeto simbólico, somos instados a questionar sobre o que ele representa. A significação nos aparece então como algo manifesto e visível, como se a linguagem não possuísse sua opacidade e espessura. A ilusão da evidência e transparência dos sentidos são efeitos

¹ O esquecimento número 1 se refere ao fato de que o sujeito, ao ser interpelado ideologicamente, tem a ilusão de estar na origem do seu próprio dizer, isto é, de ser a fonte de seu próprio sentido.

ideológicos. A interpretação se dá a partir de determinações sócio-históricas, que regulam os sentidos possíveis. Portanto, já que a linguagem não é transparente, o sentido não é um somente, pré-determinado, mas também não pode ser qualquer um, uma vez que a interpretação é regulada em suas relações de inscrição dentro de uma determinada ordem histórico-simbólica.

1.4. Formações Imaginárias versus Formações Discursivas

Em razão de haver sido introduzida por Foucault e mais tarde reformulada por Pêcheux, a noção do termo “formação discursiva” (FD) tem conservado uma grande instabilidade (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 240). É a partir de Pêcheux que esta noção aparece ligada às formações ideológicas e imaginárias.

Para Foucault, uma FD corresponde a um conjunto de enunciados que apresentam uma regularidade, no sentido de estarem associadas a um mesmo sistema de regras determinadas historicamente. Conforme Charaudeau e Mangueneau, Foucault caracteriza a FD, concomitantemente, em “termos de dispersão, de raridade, de unidade dividida... e em termos de sistemas de regras”. (ibid., p. 241),

Pêcheux, por sua vez,

[...] propunha que toda “formação social”, caracterizável por uma certa relação entre as classes sociais, implica a existência de “posições políticas e ideológicas, que não são feitas de indivíduos, mas que se organizam em *formações* que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação”. Essas formações ideológicas incluem “uma ou várias *formações discursivas* interligadas [...]”. (HAROCHE, HENRY e PÊCHEUX *apud* CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, p. 241, itálicos dos autores)

A noção de formação discursiva é de vital importância para a AD, pois esta é, ao mesmo tempo, uma categoria teórica e analítica. Através da FD, o analista pode compreender a forma como os sentidos são produzidos e a relação destes com a ideologia. Tudo o que dizemos é determinado ideologicamente, pois não há sentido sem ideologia.

Em relação aos princípios teóricos, temos em Orlandi que as FDs não são como “blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações” (2002, p. 44). As palavras não carregam sentidos próprios, mas os retiram das FDs pelas quais são determinadas.

As formações discursivas interpelam os indivíduos em sujeitos falantes, isto é, em sujeitos do seu discurso. A FD representa o lugar da constituição do sentido e da identificação do

indivíduo, já que ao inscrever-se no interior de uma FD, ele passa a reconhecer-se como sujeito. “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e o que deve ser dito” (ibid., p. 43). Orlandi igualmente afirma que a FD

representa o lugar de constituição do sentido e da identificação do sujeito. Nela o sujeito adquire identidade e o sentido adquire unidade, especificidade, limites que o configuram e o distinguem dos outros, para fora, relacionando-o a outros, para dentro (2001, p. 103).

As formações discursivas representam, na materialidade discursiva, em última instância, os lugares sociais que os indivíduos ocupam nas formações ideológicas.

Uma das conseqüências do exposto é que os diferentes sentidos podem somente ser compreendidos em referência a uma dada FD. A mesma palavra pode carregar significados diferentes, de acordo com a FD da qual faz parte. De acordo com Pêcheux,

[...] se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma posição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente “evidentes” – conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva, é porque – vamos repetir – uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio”, vinculado à sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. (1997, p. 161)

Assim, da mesma forma que uma mesma palavra, ao passar de uma FD para a outra pode mudar de sentido, palavras literalmente diferentes podem significar de maneira semelhante no interior de uma dada FD.

Já as formações imaginárias (FIm) não se referem a sujeitos físicos nem à forma como estes estão inscritos na sociedade, empiricamente falando. O que está em exercício no discurso são as imagens resultantes de projeções dos sujeitos de acordo com os lugares sociais que ocupam. Essas imagens significam somente em relação ao contexto histórico, ou seja, ao interdiscurso.

As formações imaginárias dividem-se em antecipação, relações de força e relações de sentido. Na antecipação, o sujeito se coloca na FD do outro, experimentando, dessa forma, o lugar social do outro. Assim, pode regular sua argumentação, de acordo com o que imagina que seu interlocutor pensará a respeito do que diz. De acordo com Gadet e Hak (1993), de certa maneira, o orador experimenta

o lugar de ouvinte a partir do seu próprio lugar de orador: sua habilidade de imaginar, de preceder o ouvinte é, às vezes, decisiva se ele sabe prever, em tempo hábil, onde este ouvinte o ‘espera’. [...] Em certos casos, o ouvinte, ou o auditório, pode *bloquear* o discurso ou, ao contrário, *apoiá-lo* por meio de intervenções diretas ou indiretas, verbais ou não verbais. (ibid., p. 77 e 78, itálicos dos autores)

As relações de força nos dizem que o lugar a partir do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz. Dessa maneira, mesmo que, por exemplo, um professor e um aluno digam a mesma coisa, seus discursos significarão de forma distinta, já que na sociedade, vale mais (tem mais importância) a palavra de um do que a do outro. Ainda segundo Gated e Hak,

[...] o que [se] diz, o que [se] anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele [o sujeito] ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa [...] (1993, p. 77).

Temos, por fim, as relações de sentido, que nos dizem que o discurso sempre se erige sobre um discurso prévio, efetivamente realizado, ou simplesmente imaginado ou possível. Um discurso sempre se relaciona com outros, já que é visto como um processo contínuo, sem início absoluto ou fim. “[...] assim, tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele “orquestra” os termos principais ou anula os argumentos” (ibid., p. 77). É esse movimento de ressonância de sentidos, vibração mútua entre discursos produzidos em momentos históricos diferentes e no interior de formações discursivas distintas que denominamos paráfrase: o diferente que contém o mesmo, ao lado da estabilização. No caso da *Revolução*, há o retorno aos mesmos espaços do dizer através da interpretação, ainda que velada, do contexto político inglês daquele período.

1.5. Formações Discursivas Antagônicas

Para Pêcheux, as formações discursivas “determinam o que pode e o que deve ser dito (articulado sob forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada” (HAROCHE, HENRY e PÊCHEUX *apud* CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 241). Faltou-nos dizer que as formações discursivas são caracterizáveis pelas relações de antagonismo, aliança ou dominação que mantêm entre si.

Ainda de acordo com Pêcheux, na base das FDs estão a luta e as relações de confronto entre as diferentes classes sociais, de modo que as relações de antagonismo entre as FDs derivam não do discurso, mas emergem nele, como reflexos das posições antagônicas que os sujeitos ocupam na ordem social, nas conjunturas de que fazem parte.

Em *A Revolução dos Bichos*, as relações de antagonismo são expressas através do modo de produção dos homens e dos animais: os primeiros são representados como exploradores e os últimos como explorados. Os animais vivem em posição de escravidão ao Sr. Jones, proprietário da Granja do Solar. Ele é visto como um explorador tirano, que além de alimentar mal seus animais os faz trabalhar exageradamente e em condições precárias. Quando os animais se dão conta do quanto são explorados, passam a vê-lo não como seu dono e protetor, mas como um inimigo que deve ser eliminado. Aqui se apresenta, metaforicamente, a questão da luta de classes.

No capítulo seguinte, passaremos a examinar recortes da novela em que antagonismos como esse tornam-se evidentes.

2. ANÁLISE DE RECORTES DA *REVOLUÇÃO*

2.1. Recortes que Ilustram as Situações de Antagonismo

Um dos procedimentos prévios à análise se constitui na eleição dos recortes que serão trabalhados. Segundo Orlandi (1999), o analista não deve segmentar o fato de linguagem a ser analisado, mas sim recortá-lo. Tal ocorre porque o segmento, seqüência lingüística auto-suficiente em sua estruturação, é destituído de uma ligação com a história e a exterioridade. A AD considera que o recorte, por sua vez, possui uma autonomia lingüística apenas relativa, já que tem relação estreita com suas condições de produção, historicidade e exterioridade. Ele é, portanto, de domínio do interdiscurso, ou seja, de “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”. (id., 2002, p. 33)

Apresentaremos abaixo alguns recortes que ilustram as relações de antagonismo entre homens e animais vivido nos primeiros capítulos da novela². Nesses primeiros recortes, Major conta a seus companheiros sobre seu sonho profético de libertação social:

Recorte 1

Por que, então, permanecemos nessa miséria? Porque quase todo o produto do nosso esforço nos é roubado pelos seres humanos. Eis aí, camaradas, a resposta a todos nossos problemas. Resume-se em uma só palavra – Homem. O Homem é nosso verdadeiro e único inimigo. Retire-se da cena o Homem e a causa principal da sobrecarga de trabalho desaparecerá para sempre. (p. 10 e 11) Não está, pois, claro como água, camaradas, que todos os males da nossa existência têm origem na tirania dos humanos? Basta que nos livremos do Homem para que o produto do nosso trabalho seja só nosso. Praticamente, da noite para o dia, poderíamos nos tornar ricos e livres. Que fazer então? Trabalhar de corpo e alma, para a derrubada do gênero humano. (p. 12) E lembrai-vos, camaradas, jamais deixai fraquejar sua decisão. Nenhum argumento vos poderá desviar. Fechai os ouvidos quando vos disserem que o Homem e os animais têm interesses comuns, que a prosperidade de um é a prosperidade dos outros. É tudo mentira. O Homem não busca interesses que não os dele próprio. Que haja entre nós, animais, uma perfeita unidade, uma perfeita camaradagem na luta. Todos os homens são inimigos, todos os animais são camaradas. (p. 12)

A dicotomia acima criada determina que todo e qualquer contato com humanos é pernicioso e deve ser evitado sob todas hipóteses, deixando claro que entre animais e humanos não pode haver nada além de uma relação de rivalidade, pois segundo os animais, o poder dos humanos se erige com a mais-valia.

² Apesar de, em nossa pesquisa, termos buscado referencial na obra de Orwell em seu texto original, em inglês, optamos por trabalhar com a versão em português, com tradução de Heitor Aquino Ferreira, conforme consta na seção Referências. A partir desse ponto, os recortes serão identificados somente com o número da página da qual foram extraídos.

Podemos observar, nos trechos acima, a seleção do léxico utilizado por Major, de cunho claramente marxista, conforme ilustramos no quadro a seguir:

<p>produto do nosso esforço</p> <p>camaradas</p> <p>produto do nosso trabalho</p> <p>camaradagem</p> <p>luta</p>
--

Major chama os bichos de “camaradas”, obviamente em oposição aos humanos (que não o são). O uso do pronome possessivo “nosso” demarca uma cisão entre animais e homens, cuja relação se dá em termos de “luta”.

Ainda no primeiro capítulo, o narrador dá a palavra a Major, que diz:

Recorte 2

Lembraí-vos também de que na luta contra o homem não devemos ser como ele. [...] Animal nenhum deve morar em casas, nem dormir em camas, nem usar roupas, nem beber álcool, nem fumar, nem tocar em dinheiro, nem comerciar. Todos os hábitos do Homem são maus. E, principalmente, jamais um animal deverá tyrannizar outros animais. (p. 13)

Como veremos mais adiante, a máxima “Jamais um animal deverá tyrannizar outros animais” acabará por ser desrespeitada, apesar de servir como uma das bases estruturantes do Animalismo.

Podemos observar em todos os trechos transcritos que o princípio da violência é dominante nas ações dos animais, à semelhança das ações que presidem as práticas revolucionárias. Cabe salientar ainda que na fala de Major, pode-se perceber, conforme Taveira aponta (1986, p. 124):

[...] o mesmo tom da retórica do político dirigindo-se à massa trabalhadora em comícios populares, utilizando-se de recursos como as estratégias interrogativa e exclamativa a fim de intensificar o nível de consciência dos bichos na participação do processo sócio-político em fase de mudança.

Prossigamos a narrativa. Após os animais expulsarem Sr. Jones, esposa e empregados da granja, os rumores de que a então renomeada Granja dos Bichos existe se espalha. Sr. Jones, acompanhado de homens das granjas Foxwood e Pinchfield, ataca a Granja dos Bichos, mas é novamente expulso pelos animais que antes o pertenciam.

Sansão, no entanto, acredita ter matado um dos homens ao atingi-lo com seus poderosos cascos ferrados. Ao ouvir o cavalo queixar-se de que não tinha intenções de tirar a vida de ninguém (nem mesmo de intrusos), ouve de Bola-de-Neve:

Recorte 3

- **Nada de sentimentalismos, camarada! [...] Guerra é guerra. Humano bom é humano morto.** (p.38, grifos nossos)

No excerto acima podemos comprovar novamente que a violência é elemento constitutivo de práticas revolucionárias dos animais. E mais uma vez, constata-se que entre humanos e animais existe uma relação que é primariamente conflituosa, já que esta se dá nos termos de explorador/explorado. Os bichos se comportam de forma contraditória, pois ao mesmo tempo em que criam dispositivos para a manutenção da solidariedade, igualdade e justiça, fundam suas relações com os humanos sobre princípios de violência e intolerância. Este padrão de comportamento se tornará mais acentuado no decorrer da obra, quando Napoleão passar a fazer uso de força militar para intimidar seus companheiros animais e consolidar sua hegemonia.

2.2 Formações Imaginárias em *A Revolução dos Bichos* - Recortes

Os recortes selecionados para ilustrar as formações imaginárias são constituídos por trechos nos quais podemos observar com clareza os mecanismos de antecipação, relações de força e relações de sentido em funcionamento. Para tanto, cada recorte será contextualizado e explicado.

Antes de começarmos a discutir a hierarquia dos intelectuais e a divisão do trabalho na *Revolução*, cabe fazer um breve comentário a respeito das imagens que os porcos hegemônicos projetam a partir de suas práticas.

Napoleão e Bola-de-Neve erigem em torno de si uma aura de superioridade e inacessibilidade, pois se consideram parte natural de uma linhagem de líderes. Após a expulsão de Bola-de-Neve no cap. 5, Napoleão instaura o culto à personalidade e passa a agir como um déspota, megalomaniacamente forçando os animais a tomarem parte em rituais militares que envolvem condecorações, paradas e hinos.

Já sabemos que os porcos – principalmente Napoleão, Bola-de-Neve e Garganta, respectivamente – têm uma série de privilégios, por serem os mentores do levante contra os humanos. As atividades que desempenham estão relacionadas primariamente ao intelecto, e eles se salvaguardam da necessidade de trabalhar braçalmente (como os outros o fazem), mesmo afirmando que todos são “companheiros”. Sansão, por exemplo, trabalha incansavelmente, sem jamais se encolerizar com os desmandos de seus superiores. As aves juntam os grãos que ficam no chão depois da colheita, a fim de que não haja desperdício de sorte alguma. Cada um dos animais

ajuda como pode a granja prosperar, com exceção dos porcos, que ficam maquinando formas de usar o sistema em benefício próprio, despreocupados com a coletividade.

Feito esse preâmbulo, passaremos agora a demonstrar de que modo as formações imaginárias são projetadas em *A Revolução*. Para tanto, faremos uso de recortes do texto e os comentaremos em seguida.

2.2.1 antecipação

Por saber fazer uso da linguagem oral como nenhum outro animal da Granja, Garganta exerce na ficção o papel de intermediar a relação entre os porcos hegemônicos e o resto dos animais. Diversas vezes ele ajusta seu discurso de forma a derrubar qualquer argumento que os animais possam ter diante de algum comportamento punível dos porcos, os desarmando com seus apurados recursos linguísticos. Dessa maneira, antes mesmo de fazer suas reivindicações, os bichos são silenciados através do mecanismo de antecipação.

No final do capítulo 2, já livres dos humanos, os animais se deparam com uma situação inusitada: as vacas, não tendo sido ordenhadas há um dia, pedem para que o leite seja retirado de seus úberes. Prontamente, os porcos atendem à solicitação, e cinco baldes de leite são ordenhados. Todos animais se perguntam sobre qual será o destino de um líquido tão apreciado, e quando pensam que este será dividido igualmente entre todos, Napoleão dispersa o grupo, dizendo que mais importante que se preocupar com o leite é preocupar-se com a colheita, e pede aos presentes que acompanhem Bola-de-Neve. Mais adiante, caso semelhante acontece às maçãs: como elas estão amadurecendo, caem das árvores, e todos acreditam que elas serão distribuídas equitativamente. Os porcos, entretanto, passam uma ordem de que qualquer fruta que caia das árvores deve ser recolhida e levada até eles.

A dúvida sobre o destino do leite é desfeita no final do capítulo 3: os porcos o haviam bebido. Podemos perceber aqui como esses animais se colocam numa posição social privilegiada em relação aos seus companheiros de granja, uma vez que resguardam para si o direito de beber o leite, que em princípio seria um bem coletivo. O recorte abaixo ilustrará a maneira pela qual os porcos – personificados na figura de Garganta – conseguem fazer com que os animais desistam de reivindicar seus direitos, uma vez que são constrangidos por argumentos baseados no mecanismo de antecipação.

Previendo uma certa agitação entre os animais, Garganta os aborda com as seguintes palavras:

Recorte 4

- Camaradas! – conclamou. – Não imaginais, suponho, que nós, os porcos, fazemos isso por espírito de egoísmo e privilégio. Muitos de nós nem gostamos de leite e de maçã. Eu, por exemplo, não gosto. Nosso único objetivo ao ingerir essas coisas é preservar a saúde. O leite e a maçã (está provado pela ciência, camaradas) contêm substâncias absolutamente necessárias à saúde dos porcos. Nós, porcos, somos trabalhadores intelectuais. A organização e a direção desta granja repousam sobre nós. Dia e noite zelamos pelo vosso bem-estar. É por **vossa** causa que bebemos aquele leite e comemos aquelas maçãs. (p. 33, grifo do autor)

Garganta explica aos animais que, a fim de pensar mais claramente, os porcos precisam do leite e das maçãs. Já que o trabalho dos suínos é de ordem intelectual, é do interesse de todos que eles consumam esses produtos. Segundo o porta voz, que até mesmo faz uso do discurso científico (“está provado pela ciência, camaradas”) para validar a ação dos porcos e inibir qualquer reação negativa dos trabalhadores diante do acontecido, se os pensadores da revolução não puderem desempenhar suas atividades por falta das frutas e do leite, o Sr. Jones voltará e retomará posse de sua Granja. Diante dessa perspectiva, os animais decidem abrir mão desses produtos em nome do “bem-estar coletivo”, que na realidade é coletivizado somente entre alguns. Pode-se observar, aqui, a presença da contradição no interior da formação discursiva animal, onde os líderes, prevendo uma possível revolta dos animais explorados, justificam suas ações até mesmo através do viés científico.

Já no capítulo 6, surge novamente um certo mal-estar entre os bichos quando eles descobrem que os porcos estão dormindo sobre camas, uma vez que essa atitude vai de encontro a um dos Sete Mandamentos. Prevendo que os animais fossem indagá-lo a respeito disso, Garganta antecipa as reclamações que pode ouvir e ajusta seu discurso de forma a evitar qualquer tipo de conflito:

Recorte 5

- Com que então vocês, camaradas, ouviram dizer que nós os porcos dormimos nas camas da casa? E por que não? Vocês não supunham, por certo, que houvesse uma lei contra **camas**, não é? A cama é meramente o lugar onde se dorme. Vendo bem, um monte de palha no estábulo é uma cama. A lei era contra os **lençóis**, que são uma invenção humana. Nós retiramos os lençóis das camas da casa e dormimos entre cobertores. (p. 60, grifos do autor)

Garganta explica que até mesmo um monte de palha pode ser chamado de cama, já que cama não é nada mais que o local onde se repousa. A verdadeira corrupção decorreria do uso de lençóis, que são invenção dos humanos. Dessa forma, Garganta constrange os trabalhadores,

fazendo-os concordar que os porcos precisam de um repouso confortável, com o objetivo de poderem servir plenamente às necessidades da Granja. Deste modo, todos os saberes anteriormente rejeitados pelos animais passam a ser reproduzidos por seus (agora) líderes.

No capítulo 7, os animais discutem o papel de Bola-de-Neve na Batalha do Estábulo. Garganta afirma que o porco estivera ao lado de Sr. Jones desde o início, fato contra o qual Sansão fortemente se opõe. A passagem a seguir se insere no domínio da antecipação porque Garganta, pressentindo que Sansão estava próximo da verdade em relação a Bola-de-Neve, faz uso da palavra escrita para desmotivar o cavalo em sua busca por explicações, já que o mesmo é iletrado.

Recorte 6

- Não acredito – disse [Sansão]. – Bola-de-Neve lutou bravamente na Batalha do Estábulo. Isso eu vi com meus próprios olhos. Pois até não lhe demos uma “Herói Animal, Primeira Classe”, logo depois?
- Esse foi nosso erro, camarada, já que agora sabemos – está tudo nos papéis encontrados – que, na realidade, ele tentava nos conduzir à derrota.
- Mas ele foi ferido – insistiu Sansão. – Todos o vimos ensangüentado.
- Era parte do trato – gritou Garganta. O tiro de Jones pegou apenas de raspão. Eu poderia mostrar isso a vocês, escrito com a própria letra dele, se vocês soubessem ler. (p. 70)

Ao argumentar que os animais poderiam compreender as reais motivações de Bola-de-Neve se soubessem ler os documentos que provam as intenções deste, Garganta acalma o ânimo exaltado dos bichos. Dessa forma, a língua escrita possibilita que o porco consiga conter uma possível revolta por parte dos animais. Convenientemente, ele lança mão da palavra escrita – palavra sobre a qual os animais não possuem poder algum, já que são, em grande parte, iletrados – para poder comprovar seu argumento e silenciar qualquer opinião contrária a sua.

Finalmente, no capítulo 9, há uma grande comoção por parte dos animais, quando Benjamin lê no carro que leva Sansão ao “hospital” uma placa na qual está escrito “Matadouro de Cavalos”. Os amigos de Sansão se preocupam e pedem explicações a Garganta. Prevendo o comportamento de seus companheiros diante do letreiro, estese arma com argumentos que fazem os animais crer que tudo não passara de um compreensível engano: a charrete pertencera anteriormente a um matadouro, mas estava agora sob posse do veterinário. O modo como o acontecimento é narrado permite ilustrar como os animais são enganados pelos porcos (da mesma forma que anteriormente eram enganados pelos humanos), por serem os porcos detentores de conhecimentos como escrita e leitura. Assim sendo, os suínos se tornam mediadores entre a realidade e os outros animais, adequando os fatos quedescrivem de acordo com o que lhes convém. Diz o narrador sobre o porta-voz dos porcos hegemônicos:

Recorte 7

Chegara a seu conhecimento [...] que um boato idiota e perverso circulara por ocasião do internamento de Sansão. Alguns animais haviam visto que na carroça que transportou Sansão estava escrito “Matadouro de Cavalos”, chegando à conclusão que Sansão estava sendo mandado para o carnicero. Era quase inacreditável que um bicho pudesse ser tão estúpido. [...] A explicação era muito simples. A carroça pertencera, antes, ao carnicero, depois fora comprada pelo cirurgião veterinário que ainda não apagara o letreiro. Eis como se dera o engano. (p. 104)

Observa-se, mais uma vez, que a violência – que antes constituía um dos motes da revolução – passa a ser reproduzida pelos líderes da revolução, de maneira semelhante a que era praticada pelos homens.

2.2.2 relações de força

Para um ouvinte menos tacanho que os animais da Granja em geral, fica evidente que Garganta – o porta-voz dos porcos dominantes – fala a eles não de uma posição de igual, mas de uma posição de hegemonia. Obviamente ele não o faz de maneira explícita, e para isso conta com a ignorância dos bichos para que seu discurso pareça com o de um “camarada”.

Os porcos se auto declaram possuidores de conhecimentos abrangentes e se consideram mais inteligentes que os outros animais. Dessa forma, acreditam ser natural que, na divisão das tarefas, fiquem com os trabalhos de ordem intelectual, não baseados na força física. Como exemplos, podemos citar três momentos da primeira metade da obra. No primeiro, o narrador diz que

Recorte 8

Os porcos não trabalhavam, propriamente, mas dirigiam e supervisionavam o trabalho dos outros. Donos de conhecimentos maiores, era natural que assumissem a liderança. (p. 26)

Apesar de a revolução ter sido feita para tirar os animais da escravidão, as práticas de divisão do trabalho após esse empreendimento demonstram que o que mudou na realidade são as hegemonias que detêm os privilégios e não as relações de socialização dos bens e do produto do trabalho. Assim, a mais valia se reproduz no interior da formação discursiva animal (FDA), onde o trabalho de muitos enriquece uns poucos.

Já na página 42, podemos ver que os animais aceitam a liderança dos porcos sem reclamação alguma, o que os põe na condição de explorados diante dos seus exploradores. Diz o narrador:

Recorte 9

Ficara acertado que os porcos, sendo manifestamente mais inteligentes do que os outros animais, decidiriam todas as questões referentes à política agrícola da granja [...].

É por aceitar sem contestação alguma a liderança dos porcos que os animais em geral tornam-se submissos e incapazes de lutar contra o sistema que está sendo engendrado na Granja dos Animais. Esse sistema acabará por se tornar muito similar ao que os animais estavam antes acostumados, isto é, a tirania imposta pelos humanos cedeu lugar a um novo tipo de tirania, desta vez comandada pelos porcos da Granja.

No capítulo 5, após expulsar Bola-de-Neve e seguido por seus nove cães de guarda, Napoleão informa que não haverá mais reuniões aos domingos para discussão de assuntos da Granja, como antes havia. As práticas coletivas são mudadas pelo porco hegemônico sem que esse ao menos consulte o resto dos animais sobre sua decisão. Vejamos como isto ocorre no texto:

Recorte 10

[...] [Napoleão] Anunciou que daquele momento em diante terminariam as reuniões aos domingos de manhã. Eram desnecessárias, disse ele, uma perda de tempo. Para o futuro, todos os problemas relacionados com o funcionamento da granja seriam resolvidos por uma comissão de porcos, presidida por ele, que se reuniria em particular e depois comunicaria sua decisão aos demais. (p. 48)

Aqui torna-se evidente que Napoleão somente pôde passar uma ordem como essa porque a posição de onde ele fala – posição de hegemonia – permite que o porco o faça dessa maneira. Se qualquer outro dos animais dissesse a mesma coisa, sua fala não teria sentido, pois não seria constitutiva da posição social de líder dentro do grupo. Isso também se deve ao fato de que os animais, acostumados à submissão, continuaram assumindo os papéis que lhes eram impostos antes da revolução.

No início do cap. 6, ficamos sabendo que os animais trabalharam durante todo o último ano feito escravos, mas que mesmo assim estavam felizes, já que estavam trabalhando para si, e não para sustentar um grupo de humanos preguiçosos. Apesar de terem enfrentado uma jornada de 60 h/semana na primavera e no verão, Napoleão ainda lhes impôs mais uma carga extra de trabalho. O narrador nos informa que

Recorte 11

[...] Napoleão fez saber que haveria trabalho também nos domingos à tarde. Esse trabalho era estritamente voluntário, porém o bicho que não o aceitasse teria sua ração diminuída pela metade. (p. 53)

Isto é, diz-se que o trabalho extra é voluntário, mas em verdade ele é compulsório: a prova disso é que, aos que não acatarem a ordem do líder, as rações serão diminuídas em 50%. O único

ser dentre os animais com poder para não cumprir a ordem dada é o próprio Napoleão, por isso o que ele diz é levado tão a sério e somente em raríssimas ocasiões é questionado.

Mais adiante, Garganta anuncia que, por decreto especial do camarada Napoleão, a canção “Bichos da Inglaterra” fora abolida.

Recorte 12

- Por quê? – exclamou Maricota.

- Não há necessidade, camaradas – respondeu Garganta inflexivelmente. – “Bichos da Inglaterra” era a canção da Rebelião. Mas agora completou-se a Revolução. [...] [Nessa canção] expressávamos nosso anseio por uma sociedade melhor, no porvir. Ora, essa sociedade já está criada. Evidentemente, o hino não tem mais valor algum. (p. 76)

Se qualquer um outro animal que não Napoleão ou Garganta (a seu mando) proibisse os bichos de cantar, eles provavelmente não acatariam à ordem. No entanto, todos acatam à decisão sem discussão alguma, já que quem está passando a proibição é o porta-voz de um líder político maior, que assume um duplo papel hegemônico: a) o de simular o cumprimento de um decreto maior e b) o de representar a imagem da autoridade local.

2.2.3 relações de sentido: formas de silenciar o outro

Para Orlandi, “O silêncio é [...] um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido.” (1997, p. 13) Estado primeiro em relação à palavra, ele produz significados próprios, é o lugar da multiplicidade e da possibilidade, não podendo ser visto, portanto, como simples complemento da linguagem (o silêncio não é identificado como “falta”, e sim a linguagem com “excesso”). Ele não é estanque ou passivo, pois relaciona-se com a história e com a ideologia.

Matéria significante por natureza, o silêncio é fundante. A linguagem foi criada pelo homem para contê-lo e para estabilizar o movimento da significação, já que no não-dizer sujeito e sentido se movimentam amplamente.

Ainda segundo Orlandi, “[...] aquilo que é o mais importante nunca se diz” (ibid., p. 14). Isto significa que o não-dito, ou aquilo que é refratado pelo dizer, também é parte constitutiva do que é efetivamente dito. A refração de sentido corresponde à opacificação do que está interdito no discurso, já que nenhum discurso pode apreender a realidade totalmente.

A autora segue, afirmando que além do silêncio fundador, há também a política do silêncio. No primeiro caso, temos um silêncio “que existe nas palavras, significa o não-dito e que dá espaço de recuo ao significante, produzindo as condições para significar” (ibid p. 23-24). Já a política do

silêncio é definida pelo fato de que “ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (ibid., p. 75). A política do silêncio se subdivide em silêncios constitutivo e local, sendo que o último se refere à interdição do dizer.

O silêncio constitutivo, por sua vez, está relacionado com o fato de se dizer algo para evitar que outra coisa seja dita em seu lugar, descartando-se o não-dito de forma que ele não possa passar a significar. Isto é, o silêncio constitutivo exclui sentidos que não poderão ser articulados com formações discursivas diferentes daquela que produziu o sentido em primeiro lugar. É esse tipo de efeito do discurso que estará em uso nos próximos recortes que passaremos a exibir.

Quando se decide condensar os dois primeiros Mandamentos em “Quatro pernas bom, duas pernas ruim”, que seria, metaforicamente, uma forma de dividir explorados e exploradores, Bola-de-Neve prevê que as aves, por possuírem somente duas patas, não ficariam satisfeitas com o slogan. Por esse motivo, ele faz uso de uma linguagem empolada para explicar a elas que o slogan não as exclui:

Recorte 13

- A asa de uma ave, camaradas, é órgão de propulsão e não de manipulação. Deveria ser vista mais como uma perna. O que distingue o homem é a **mão**, o instrumento com que perpetra sua maldade. (p. 31, grifos do autor)

As aves não compreendem muito o que Garganta diz, mas justamente por não entenderem, não argumentam contrariamente e aceitam, sem reclamações, o que lhes é dito. Na fala de Garganta pode-se também observar ecos do discurso científico, que por ser complicado demais para os leigos, acaba por excluí-los de sua significação.

No capítulo 5, quando surge uma comoção entre os animais porque Napoleão – para surpresa de todos – anuncia que pretende levar adiante o projeto do moinho de vento, de autoria de seu inimigo Bola-de-Neve, Garganta surge diante dos trabalhadores e é afirmado que

Recorte 14

O moinho de vento era, em verdade, criação do próprio Napoleão. Por que, então, perguntou alguém, ele falou tanto contra o moinho? [...] Aí é que estava a esperteza do Camarada Napoleão – disse [Garganta]. Ele fingira ser contra o moinho de vento, apenas como manobra para livrar-se de Bola-de-Neve, que era um péssimo caráter e uma influência perniciososa. Agora que Bola-de-Neve saíra do caminho, o plano podia seguir sem sua interferência. Isso – disse Garganta – era uma coisa chamada tática. Repetiu inúmeras vezes: “Tática, camaradas, tática!”, saltando à roda e sacudindo o rabicho, com um riso jovial. (p. 51 e 52)

O narrador segue, afirmando que os trabalhadores não tinham muita certeza sobre o sentido do termo, mas que mesmo assim, acataram a explicação de Garganta:

Recorte 15

Os bichos não estavam muito certos do significado da palavra, mas Garganta falava tão persuasivamente e três cachorros – que por coincidência estavam com ele – rosnavam tão ameaçadoramente que aceitaram a explicação sem mais perguntas. (p. 52)

O uso de um jargão tipicamente utilizado em estratégias militares (“tática”) faz com que, mais uma vez, os animais se sintam impedidos de reivindicar, uma vez que eles não possuem conhecimentos do vocabulário ou mesmo ações de cunho militar. Garganta mais uma vez fez uso inteligente da linguagem, de forma a excluir seus companheiros animais do sentido real do que foi dito.

No último capítulo, nos diz o narrador que Garganta, através do seu discurso, procura convencer os animais de que os porcos trabalham de forma a contribuir para o bom andamento da Granja. Na verdade, Garganta fala muito, mas diz pouco: as palavras das quais ele faz uso impedem que os animais consigam alcançar a real significação de seu discurso, e por esse motivo os animais silenciam a respeito do que é dito, simplesmente aceitando o que ouvem.

Recorte 16

Garganta nunca se cansava de explicar que havia um trabalho insano na ação de supervisionar e organizar a granja. Grande parte desse trabalho era de natureza tal que estava além da ignorância dos bichos. Tentando explicar, Garganta dizia-lhes que os porcos despendiam diariamente enormes esforços com coisas misteriosas chamadas “arquivos”, “relatórios”, “minutas” e “memos”. Eram grandes folhas de papel que precisavam ser miudamente cobertas com escritas e, logo depois, queimadas no forno. (p. 108)

Ao fazer uso de palavras que não pertencem ao cotidiano dos animais para explicar a estes sobre a ocupação dos porcos, Garganta unicamente consegue deixar seus interlocutores confusos. Termos como arquivo, relatório, minuta e memo não designam entidades familiares aos trabalhadores do campo, mas referem-se na verdade ao dia-a-dia das repartições públicas, cujas rotinas são desconhecidas por eles. Dessa forma, ao fazer uso desse tipo de vocabulário, Garganta impede que os bichos compreendam o que se passa na administração da granja.

Há também o caso de Benjamin, o burro. Ele claramente não se identifica com a FD dos humanos, mas parece também não compartilhar das motivações de seus colegas animais. Ele prefere silenciar a respeito do que vê em andamento na Granja, e quando o perguntam sobre o que

ele pensa, ele unicamente reponde que os burros vivem por um longo tempo, e os animais não compreendem o que Benjamin quer dizer com isso. Vejamos um trecho do capítulo 3:

Recorte 17

O velho Benjamin [...] executava sua tarefa da mesma forma obstinadamente lenta com que o fazia nos tempos de Jones. Não se esquivava ao trabalho normal, mas nunca era voluntário para extraordinários. Sobre a revolução e seus resultados não emitia opinião. Quando lhe perguntavam se não era mais feliz, agora que Jones havia se ido, respondia apenas: “Os burros vivem muito tempo. Nenhum de vocês jamais viu um burro morto”, e os outros tinham que contentar-se com essa obscura resposta. (p. 28)

A resposta de Benjamin silencia sobre o fato de que a Revolução apenas fez trocar de mãos o poder hegemônico sobre os animais, que de subservientes aos humanos passam a subservientes aos seus auto-denominados “camaradas” porcos. Ao afirmar que os burros são muito longevos, sua fala refrata o fato de que é apenas uma questão de tempo para que as coisas voltem a ser como antes da Revolução, e que logo os líderes do levante passarão a se comportar como os tiranos que os bichos destituíram do poder.

No capítulo 5, os animais em geral encontram-se divididos entre Napoleão e Bola-de-Neve, uma vez que ambos se encontram em campanha política. O primeiro encontra-se em luta pela produção de alimentos; o segundo, pela construção do moinho de vento. Benjamin, no entanto, fica indiferente a ambas manifestações. Diz o narrador sobre ele, à página 45:

Recorte 18

Recusava-se a crer, tanto em que haveria fartura de alimento como em que o moinho de vento economizaria trabalho. Moinho ou não moinho, dizia ele, a vida seguiria como sempre – ou seja, mal.

Pelos recortes acima, podemos observar que, mesmo após a Revolução, Benjamin continua a comportar-se como quando sob jugo humano, isto é: a sua forma de relacionar-se com o mundo continua estritamente a mesma que de tempos anteriores.

2.3. Contradições Presentes no Interior de uma Formação Discursiva

N’A *Revolução dos Bichos*, em praticamente todas as formações discursivas – que são, no discurso, a realização do sujeito ideologicamente falando – há contradições. Nenhum bloco é homogêneo. Apesar de animais, os porcos se consideram superiores a seus colegas, e por essa razão se arrogam diversos privilégios a que os outros não têm acesso. Os humanos, que inicialmente parecem ter ojeriza aos animais e ao seu empreendimento, começam a comercializar com os porcos logo que lhes é dada uma chance.

Mesmo dentro da FD animal, há posições de sujeito contraditórias, como ocorre no caso de Mimosa, que em seguida servirá de ilustração. E há ainda o caso dos simplesmente indiferentes, como acontece com Benjamim, o burro.

2.3.1. contradições em uma mesma FD – recortes: a reprodução dos saberes da FD antagônica

As contradições encontradas no interior da FDA abundam. Todas as regras que o velho Major havia estipulado para a convivência dos animais em sociedade acabam sendo mudadas. Os porcos derrubam cada uma das diretrizes ditadas pelo idealizador do Animalismo no decorrer da novela. Vejamos alguns exemplos onde os mandamentos ou saberes que embasam a FDA são ressignificados, e até mesmo rompidos. É importante observar antes dos recortes analisados que eles atestam o fato de que todos os saberes anteriormente denegados no interior da FDA passam a ser incorporados a ela após a tomada do poder pelos bichos, que passam a reproduzir as práticas da FD antagônica, isto é, a FD humana.

Os próprios Sete Mandamentos, criados por Napoleão e Bola-de-Neve no capítulo 2, são completamente pervertidos ao longo da novela. Os mandamentos “Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo” e “O que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo” se amalgamam no exageradamente simplificado “Quatro pernas bom, duas pernas ruim”, que mais tarde, quando os porcos passam a andar sobre duas pernas, transforma-se novamente, agora em “Quatro pernas bom, duas pernas melhor”. O mandamento “Nenhum animal dormirá em cama” vira “Nenhum animal dormirá em cama *com lençóis*”, ao passo que “Nenhum animal beberá álcool” é modificado em “Nenhum animal beberá álcool *em excesso*”. Após o extermínio em massa do capítulo 7, “Nenhum animal matará outro animal” vira, convenientemente, “Nenhum animal matará outro animal, *sem motivo*”. Por fim, o mandamento “Todos animais são iguais” é terrivelmente mudado pelos porcos, e passa para sua versão pervertida “Todos animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais que os outros”, destruindo assim qualquer possibilidade de fazer vingar os princípios do Animalismo, assim como o velho Major os havia sonhado.

No início da *Revolução*, na reunião na qual juntou todos os animais da Granja para lhes contar sobre seu sonho de libertação, Major falou sobre as atitudes que os animais deveriam evitar a fim de não se assemelharem aos homens. Disse ele:

Recorte 19

Lembrai-vos também que na luta contra o Homem não devemos ser como ele. Mesmo quando o tenhais derrotado, evitai-lhe os vícios. **Animal nenhum deve morar em casas, nem dormir em camas, nem usar roupas, nem beber álcool, nem fumar, nem tocar em dinheiro, nem comerciar.** Todos os hábitos do homem são maus. E, principalmente, **nenhum animal deverá tiranizar outros animais.**” (p. 13, grifos nossos)

A partir da morte de Major, gradativamente cada uma dessas ordens passa a ser desrespeitada:

Recorte 20

[...] os porcos, de repente, mudaram-se para a casa grande, onde fixaram residência. (p. 59)

Inicialmente, todos haviam decidido que animal nenhum moraria na casa do Sr. Jones, e que ela seria mantida como um museu. Os porcos, entretanto, quebram o combinado e passam a viver dentro da casa, assim como seus antigos proprietários.

Recorte 21

[...] [Os animais] Não estranharam quando Napoleão foi visto passeando nos jardins da casa com um cachimbo na boca – não, nem quando os porcos se assenhoraram das roupas do Sr. Jones e passaram a usá-las [...]. (p. 112)

As regras sobre fumo e vestir roupas são rompidas pelos líderes e por seus apoiadores, e os bichos assistem a tudo, perplexos, mas incapazes de protestar.

Recorte 22

[...] logo transpirou a notícia de que cada porco estava recebendo, diariamente, a ração de meia garrafa de cerveja, sendo que Napoleão recebia meio galão e era servido na terrina da baixela de porcelana. (p. 96)

Aqui vemos que os porcos adotam mais um hábito humano, que consiste em ingerir álcool. Percebe-se também a questão da mais-valia, já que o dinheiro usado para aquisição da bebida advinha da exploração da mão-de-obra dos animais, cujo único bem é sua força de trabalho.

Recorte 23

[Napoleão] Exigiu o pagamento em notas autênticas de cinco libras, que deveriam ser entregues antes da retirada da madeira. (p. 85)

Recorte 24

A partir daquele dia, a Granja dos Bichos passaria a comerciar com as da vizinhança. [...]. (p.56)

Contrariando o que havia sido estipulado pelo idealizador do Animalismo, os porcos entram em contato direto com dinheiro e passam a comercializar com outras fazendas.

Recorte 25

[...] não foi de estranhar que [...] os porcos que supervisionavam o trabalho da granja andassem com chicotes nas patas. (p. 112)

Aqui vemos de que maneira os porcos passam a agir de forma semelhante aos humanos, escravizando os bichos e fazendo-os trabalhar sob o jugo da violência.

Através dessas atitudes, os porcos acabam por se tornar muito semelhantes aos seres que eles mais abominavam: os humanos. Eles passam a negociar com os seus – em princípio – maiores inimigos, fazer uso de dinheiro, beber, vestir roupas e tyrannizar os outros animais.

Temos também o exemplo da relação entre Moisés e os porcos. No princípio, o corvo fugiu com seus donos humanos, quando estes foram expulsos pelos animais da granja. Mais para o fim da novela, entretanto, ele retorna.

Recorte 26

Coisa difícil de determinar era a atitude dos porcos em relação a Moisés. Eles afirmavam peremptoriamente que as histórias sobre a Montanha de Açúcar não passavam de pura mentira; no entanto, deixavam-no permanecer na granja, sem trabalhar, e ainda por cima com direito a um copo de cerveja por dia. (p. 98 e 99)

Os porcos permitem que Moisés permaneça na Granja, apesar do corvo haver fugido com Sr. Jones no início da revolução. Isso ocorre por um motivo simples: agora que o sistema está implementado, os animais voltam a sonhar com um lugar de abundância e felicidade, já que este lugar não foi forjado na Terra. E os porcos o permitem, pois dessa forma os descontentes têm algo a que esperar numa vida futura e possivelmente não se revoltarão no presente. O sentimento religioso dos animais é, portanto, estimulado pelos porcos, pois dessa maneira eles conseguem desviar a atenção dos bichos das suas práticas totalitárias, acenando aos animais com a possibilidade de felicidade no futuro, em um local outro que não seja a Granja.

Nenhuma FD está livre de contradições, e isto se aplica tanto à FDA quanto à FDH. Os humanos, guiados pela cobiça e pelo individualismo, não conseguem ser solidários entre si. É o caso do modo como os fazendeiros reagiram ao saber que o Sr. Jones havia sido expulso de suas terras por aqueles que o serviam. À página 34 da obra, lemos que depois da Revolução

Recorte 27

Jones passava a maior parte do tempo na taverna do Leão Vermelho, em Willingdon, queixando-se, a quem quisesse ouvi-lo, da monstruosa injustiça que sofrera ao ser expulso de sua granja por uma súcia de animais imprestáveis. Os outros granjeiros eram-lhe simpáticos, em princípio, mas inicialmente não lhe deram muita ajuda. No fundo, cada um imaginava secretamente alguma forma de tirar vantagem do infortúnio de Jones.

A partir do recorte acima, podemos perceber a contradição na FDH, já que cada indivíduo deseja seu próprio bem-estar sem se importar com seus companheiros.

Situação similar acontece entre os vizinhos da Granja dos Animais, o Sr. Pilkington e o Sr. Frederick, em cujas relações prevalece a competição e o individualismo. Vejamos:

Recorte 28

Os dois se hostilizavam tanto que lhes era sumamente difícil chegar a qualquer acordo, mesmo que em defesa de seus próprios interesses. (p. 35)

Apesar de fazerem parte da mesma FD, a rivalidade entre os dois fazendeiros é tão grande que, mesmo quando precisam debater a respeito de algo que trará benefícios para ambos, ainda assim não conseguem chegar a acordo algum.

2.3.2. sujeito da formação discursiva animal se identifica com os saberes da formação discursiva humana

O que funciona no discurso não são os sujeitos físicos e seus lugares empíricos como tal, mas as imagens que resultam de suas projeções (ORLANDI, 2002). Portanto, para entendermos o caso de um animal como Mimosa, a égua branca, torna-se necessário discutir a forma como ela se autorepresenta e o porquê ela não se identifica com a FDA. Mimosa não consegue reconhecer-se como parte da FD animal, uma vez que ela não se vê como um indivíduo explorado em sua força de trabalho pelo homem, mas se considera semelhante a ele em seus desejos e motivações. Ela se interessa por laços, fitas e torrões de açúcar, elementos que não fazem parte do dia-a-dia dos animais quando estes vivem *in natura*, isto é, sem a presença do homem.

Apesar de ser uma égua, Mimosa não se identifica com a formação discursiva dos animais. “Vaidosa e fútil” (p. 9), ela prefere a vida sob o jugo do Sr. Jones à vida em comunidade proposta pelo Animalismo. De forma geral, há um antagonismo entre Mimosa e os animais que aderem à Revolução; e em um nível mais específico, entre ela e Quitéria e Sansão. Os cavalos de tração abraçam os princípios do Animalismo e trabalham de maneira a colaborar para o bom andamento da Granja. Mimosa, por outro lado, se esquivava da labuta e, na primeira chance que tem, volta ao convívio com os homens, passando a reconhecer-se a partir do lugar em que é representada no interior da FDH. Vejamos de que maneira isso ocorre no texto:

Recorte 29

[...] As perguntas mais estúpidas eram sempre as de Mimosa, a égua branca. A primeira pergunta que fez a Bola-de-Neve foi:
- Ainda haverá açúcar, depois da Rebelião?

- Não, respondeu Bola-de-Neve, firmemente. – Não temos meio de obter açúcar nessa fazenda. Além do mais, você não precisa de açúcar. Mas terá a aveia e o feno que quiser.
- E ainda vou poder usar laço de fita na crina? – perguntou Mimosa.
- Camarada – explicou Bola-de-Neve – , essas fitas que você tanto estima são o distintivo da servidão. Será que você não vê que a liberdade vale mais que laços de fita? (p. 18 e 19)

Mimosa começa a tornar-se inoportuna, atrasando-se para o trabalho e queixando-se de dores misteriosas para poder não trabalhar e ir para o açude, ficar admirando sua própria imagem refletida na água. No inverno, Mimosa tem uma discussão com Quitéria, que a indaga sobre ter sido vista com um empregado do Sr. Pilkington, que “fazia festas em seu focinho”. Mimosa negou tudo, mas três dias mais tarde desapareceu. Ficamos, em seguida, sabendo qual o paradeiro da égua:

Recorte 30

[...] os pombos trouxeram o informe de que a haviam visto na parte mais afastada de Willigdon, atrelada a uma bonita charrete [...]. Um homem [...] passava-lhe a mão no focinho e dava-lhe torrões de açúcar. Estava de pêlo bem tosado e usava uma fita escarlate no topete. Parecia muito satisfeita, disseram os pombos. Os bichos nunca mais falaram em Mimosa. (p. 42)

Vemos aqui uma cisão, por parte de Mimosa, originalmente da FDA (ou FD dos explorados), já que ela se identifica com os valores da FDH (exploradores).

Um outro caso de identificação de um sujeito da FDA com a FDH ocorre com Moisés, o corvo doméstico. Moisés, bicho de estimação do Sr. Jones, espalha pela granja notícias sobre a “Montanha de Açúcar-Cande”, um lugar para onde, segundo ele, os animais vão após a morte:

Recorte 31

Essa montanha ficava em algum lugar acima do céu, pouco acima das nuvens [...]. Na Montanha de Açúcar-Cande, os sete dias da semana eram domingos, o ano inteiro era época de trevo, e as sebes davam torrões de açúcar e bolinhos de linhaça. Os bichos detestavam Moisés, porque vivia de histórias e não trabalhava, porém alguns acreditavam na Montanha de Açúcar-Cande, e os porcos travaram grandes discussões para convencê-los de que esse lugar não existia. (p. 19)

Ao afirmar que tal lugar existe, Moisés tem por objetivo enfraquecer a revolução e o descontentamento que os animais apresentam em relação ao Sr. Jones, sua esposa e seus homens. Mais adiante, ainda no capítulo 2, quando estes são enxotados da granja, o corvo os acompanha, e somente retorna no fim da história.

O fato de que Moisés não permanece na Granja para auxiliar seus camaradas animais, mas prefere seguir seus donos humanos, não deixa dúvidas quanto ao fato de que ele não se identifica com a formação discursiva dos animais que eram explorados.

2.3.3 posições de sujeito contraditórias - recortes

Já vimos como a FD animal apresenta inúmeras contradições. Passemos agora a examinar essas contradições em um âmbito mais restrito, isto é, como o comportamento de um só porco pode ser contraditório. Esse é o caso do auto-denominado “líder” Napoleão no que se refere à construção do moinho de vento, já que, em um primeiro momento, ele se mostra contrário à empreitada:

Recorte 32

Quando os animais se reuniram no grande celeiro, Bola-de-Neve [...] expôs suas razões em favor da construção do moinho de vento. Depois, levantou-se Napoleão para rebater. Disse calmamente que o moinho de vento era uma tolice e que não aconselhava ninguém a votar a favor daquilo. [...] (p. 46)

Bola-de-Neve então expõe aos bichos seus planos sobre o empreendimento, mas os nove cães treinados por Napoleão o atacam e o expulsam da fazenda. Mais adiante, ainda no capítulo cinco, vemos que o porco hegemônico decide favoravelmente em relação à construção do moinho:

Recorte 33

No terceiro domingo após a expulsão de Bola-de-Neve, os bichos ficaram muito surpresos ao ouvir Napoleão anunciar que o moinho de vento seria, afinal de contas, construído. Napoleão não deu qualquer explicação sobre o motivo que o fizera mudar de idéia, apenas alertando os animais de que esta tarefa extraordinária significaria mais trabalho duro [...]. (p. 51)

Os recortes acima nos permitem dizer que Napoleão age de modo contraditório, objetivando favorecer a si mesmo e à casta de porcos que lhe cercam. A fim de derrubar Bola-de-Neve, inicialmente lhe convinha não concordar com a construção do moinho. Entretanto, logo que se vê livre de seu competidor, se apropria das idéias do mesmo com o propósito de gerar eletricidade na Granja, pois a produção de energia elétrica trará lucro para ele e para os seus.

No que se refere à FD humana, temos o comportamento contraditório dos fazendeiros vizinhos à Granja. Inicialmente, eles tinham várias reservas em relação a esta, mas com o tempo isso passou a se modificar:

Recorte 34

Os humanos [...] odiavam [...] a Granja dos Bichos [...]. Todo ser humano tinha como questão de fé que a granja iria à bancarrota mais cedo ou mais tarde [...]. Não obstante, mesmo contra a vontade, haviam criado certo respeito pela eficiência com que os bichos conduziam seus assuntos. (p. 58)

Como prova dessa mudança de atitude, temos o fato de que os fazendeiros vizinhos passam a comerciar com a Granja dos Bichos, mais para o fim da história. Isto indica que a FD humana antagoniza com a FD animal, mas não o faz completamente no nível dos porcos, apesar de eles

também serem animais: estes e aqueles passam a trocar favores mútuos, fazendo vistas a seu próprio benefício, isto é, visando explorar os demais animais e a acumular capital através da força de trabalho alheia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, PARTE I: A Representação de protótipos sociais através de personagens da novela

Os paralelos entre as personagens de *A Revolução dos Bichos* e personagens reais na Revolução Russa de 1917 são muitos. Podemos começar pelo Sr. Jones, que no início da novela é descrito como um bêbado violento e incapaz de gerir a própria fazenda competentemente. Por causa do álcool, sua capacidade de governar é questionada e ele não parece mais ser capaz de manejar a situação que, até o momento, estava sob controle. Essa personagem é associada ao regime capitalista da Rússia sob o comando do Tzar Nicholas II.

Já Major é um amálgama de Marx e Lênin. Lênin, influenciado pelas idéias de Marx, idealizou a Revolução Russa e foi líder da extinta União Soviética por 7 anos, até sua morte. Major, assim como Lênin, é a fonte de inspiração para a Revolução que ocorre na Granja, mas não vive o suficiente para ver suas idéias em ação.

Após a morte de Lênin, duas figuras proeminentes do Partido Comunista disputam a liderança: Trotsky e Stalin, da mesma forma que Bola-de-Neve e Napoleão o fazem, depois que Major morre. Bola-de-Neve divide traços com Trotsky, assim como Napoleão os divide com Stalin. Há diversas evidências disso no texto: na vida real, Trotsky foi expulso da URSS por Stalin; na novela, Bola-de-Neve é expulso da Granja por Napoleão. Stalin se torna um ditador e instala o culto a sua personalidade, e o mesmo ocorre com Napoleão. Vale ressaltar que Napoleão tem esse nome por causa do general revolucionário francês que se tornou um ditador no começo do século XVIII.

Garganta espalha estatísticas que comprovam a constante melhora e crescimento da Granja e usa a linguagem de forma a distorcer a verdade e encobrir fatos importantes. O uso que faz da língua para enganar os animais liga-se ao seu próprio nome: Garganta, que define seu discurso. Por essa razão, ele está relacionado com a máquina de propaganda política instalada por Stalin durante seu regime comunista e ao jornal Pravda. "Sua personalidade suspeita pode ser ligada àquela do cabeça da polícia oficial do estado em um regime que não tolera dissidência ou mesmo discussão - tal como a KGB sob o comando de Stálin" (CARTER, 1999, p. 101, tradução livre nossa).³ Ao

³ "His suspicious character can be linked to that of the head of the official state police in a regime which does not tolerate dissent or even discussion – such as the KGB [...] under Stalin".

observar as razões pelas quais as personagens que conduzem a narrativa serem porcos, diz Taveira que

Os porcos, por serem animais sujos, imundos, muitas vezes causam repugnância. No sentido conotativo o termo porco é empregado em relação ao indivíduo humano grosseiro, torpe, bêbado, obsceno, sem caráter. [...] Considerando-se pontos como esses, não nos parece desprovida de significação a caracterização pejorativamente suína feita pelo narrador das personagens principais [...]. (p.121)

É, portanto, interessante notar que, dentre todos os animais que vivem na fazenda, Orwell tenha escolhido os porcos para tornarem-se ditadores.

Sansão e Quitéria simbolizam o povo, que se engaja em uma Revolução sobre a qual eles pouco entendem. Sansão “representa o indivíduo despolitizado, ingênuo e de estreita capacidade intelectual, cuja força de trabalho é explorada de forma desumana [...]. [Quitéria] Representa o indivíduo tipo conformista numa sociedade opressora”. (ibid., p. 125)

Ambos são dedicados, leais, e apresentam uma imensa capacidade para o trabalho, entretanto, não possuem capacidade crítica e acreditam cegamente nas boas intenções de seu líder, e por essa razão acabam sendo explorados.

Moisés, o corvo doméstico, espalha estórias sobre a Montanha de Açúcar-Cande, um lugar onde todos teriam uma vida mais feliz. No começo da história é expulso da Granja pelos porcos, mas seu retorno é permitido mais ao fim da novela. Moisés simboliza a igreja e o uso da fé pelos governantes, a fim de pacificar o povo descontente e oprimido.

Mimosa é a égua que foge da Granja quando a situação começa a piorar. Ela é identificada como a pequena burguesia que fugiu da Rússia anos após a Revolução.

Benjamim, o burro, acredita que, mesmo com o governo dos porcos, a vida continua a ser como era na época de Sr. Jones. “O burro mais idoso e moderado da Granja, que raras vezes emite seu parecer e quando o faz é de forma negativa. Para ele, ‘ser no mundo’ e ‘estar no mundo’ constituem-se na grande náusea imposta pela vida; aproxima-se à ideologia existencialista.” (ibid., p. 125)

Por fim, Frederick, de Pinchfield, e Pilkington, de Foxwood, são fazendeiros vizinhos da Granja dos Bichos e estabelecem relações comerciais com esta. Representam, respectivamente, Hitler (Alemanha) e Churchill (Grã-Bretanha).

CONSIDERAÇÕES FINAIS, PARTE II: Finalizando

A presente monografia se propôs a analisar as formações discursivas e imaginárias na *Revolução dos Bichos*, de George Orwell. Para tanto, fez-se necessário articular conhecimentos de história, literatura e análise do discurso da escola francesa, com o objetivo de estudar a historicidade inscrita na linguagem da obra.

Iniciamos o trabalho com um breve histórico da temática, onde o leitor pôde encontrar uma síntese a respeito do enredo: a *Revolução* é sobre um levante empreendido pelos bichos de uma granja na Inglaterra que, unidos, expulsam seus donos e passam a viver em um sistema batizado por eles de “Animalismo”. Infelizmente, depois de conseguirem destronar Sr. Jones, os bichos passam a ser explorados de maneira semelhante a que o haviam sido quando sob o jugo do homem. Os porcos, que de início se apresentavam como companheiros, logo mostram que sua verdadeira intenção é explorar os animais, da mesma forma que os humanos o faziam. Em outras palavras, o Animalismo não vinga, pois os líderes da revolução são corrompidos por valores antes atribuídos aos humanos.

Passamos então às condições de produção do texto, onde lemos sobre a história da Revolução Russa e sobre o autor da *Revolução*, George Orwell. Aqui evidenciamos que *A Revolução dos Bichos* trata de uma paródia em forma de fábula da revolução acontecida na Rússia (1917) e de suas implicações para a história.

Antes de chegarmos aos recortes que falam sobre as formações discursivas e imaginárias presentes na obra, abordamos a interpelação do sujeito pela ideologia, e vimos que esta intervém como condição necessária para que sujeito e sentido se constituam.

Quando tratamos das formações discursivas, tivemos a chance de analisar as FDs antagonicas mais importantes da obra: homens versus animais. A relação entre ambos é de caráter conflituoso, porque se dá na base da exploração: os animais são explorados pelos homens em sua força de trabalho. E nesse sentido, o texto de Orwell nos permitiu observar a forma como as relações de antagonismo se desenvolveram entre diferentes classes e espécies.

Ao estudarmos as contradições presentes no interior das FDA e FDH, vimos que estas abundam. Os porcos hegemônicos agem de forma contrária ao comportamento que eles pregam como sendo o ideal, e os homens, apesar de acreditarem que os animais não são capazes de governar uma granja sozinhos, passam a negociar com estes logo que lhes é permitido fazê-lo.

No que se tange às formações imaginárias, observamos que os porcos sabem fazer uso especial de suas habilidades intelectuais para enganar, distorcer fatos e confundir os animais, que, sem reação, aceitam os desmandos de seus “companheiros”, que em verdade agem como exploradores. As contradições criadas no interior da formação discursiva animal têm origem na utilização, por parte dos porcos, do mecanismo de antecipação: eles estão sempre um passo à frente de seus colegas de granja. Os porcos manipulam a classe dos trabalhadores, de forma a obter privilégios diversos para sua casta. Uma especial atenção deve ser dirigida ao personagem Garganta, já que seu vocabulário (de significação inacessível para a maior parte dos animais), suas explicações e estatísticas impenetráveis, criam nos outros animais uma sensação de auto-dúvida e de inatingibilidade no que se refere à apropriação dos sentidos mobilizados pelos porcos.

Nas relações de sentido, pudemos comprovar que os porcos fazem uso até mesmo de um vocabulário referente a estratégias militares (“tática!”) e se apropriam do discurso científico para dar maior validade a suas palavras.

Nas relações de força, vimos como os animais em geral aceitam, sem reclamar, tudo o que os porcos dizem. Isso faz com que eles se constituam em uma massa facilmente manipulável.

Na primeira parte das considerações finais, ao realizarmos um levantamento dos protótipos sociais que encontramos na paródia, vimos que há personagens da obra que possuem paralelos na vida real. Algumas vezes essas equivalências ocorrem de forma direta (por exemplo, Napoleão representando Stalin), outras vezes, em forma de amalgamação (Major representando Lênin e Marx). Há também casos em que personagens específicos representam segmentos inteiros da sociedade (como é o caso de Sansão e Quitéria, que representam o povo trabalhador e destituído de capacidade crítica).

A partir do exposto pudemos observar que George Orwell fez da *Revolução dos Bichos* seu libelo contra o totalitarismo, trazendo nesta obra informações sobre a Revolução Russa que foram interditas no discurso da Inglaterra. Motivada por razões políticas, a Inglaterra silenciou sobre as atrocidades ocorridas na Rússia no período da revolução e sobretudo durante o período em que Stalin estava no poder. Ainda assim, Orwell foi capaz de registrar sua crítica ao sistema e deixar expostas as contradições ocorridas na Rússia no período da revolução.

Esperamos que essa monografia tenha trazido alguma luz no sentido de apontar de que maneiras uma classe trabalhadora ingênua e o uso da língua, enquanto instrumento de abuso de

poder, podem ser vistos como um perigo para uma sociedade igualitária, livre de opressores e exploradores.

REFÊRENCIAS

CARTER, Ronald. Character notes. In: ORWELL, George. *Animal Farm*. [1945] Penguin Student Edition. Edited by Ronald Carter. Penguin Books, 1999, p. 99-101.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

GADET, Françoise & HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____. *As formas do silêncio – No movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. 4º ed.

_____. *Discurso e leitura*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

ORWELL, George. *Animal Farm*. [1945] Penguin Student Edition. Edited by Ronald Carter. Penguin Books, 1999.

ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos*. Tradução: Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Globo, 2003.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia*. São Paulo: Ática, 1985.

TAVEIRA, Helena Roriz. *O discurso ideológico de George Orwell na Revolução dos bichos*. Em: Colóquio Luso-Brasileiro de Semiótica (1.: 1986: Niterói). Anais. p. 115-130. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1986.